

## **As desventuras de um renascentista entre os Tupinambás: a visão do viajante Hans Staden sobre as terras e os povos do Brasil**

Rafael Pereira da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como proposta uma análise da obra “Viagem ao Brasil” do viajante Hans Staden, do imaginário e visão de mundo e dos povos por ele encontrados nesse solo. O livro, escrito numa linguagem bastante simples, traz o relato das aventuras ou desventuras desse europeu ao ser capturado por um grupo de índios Tupinambás e ser constantemente ameaçado de virar refeição nos rituais de antropofagia realizados nas aldeias. Pensado enquanto fonte histórica, o livro de Staden nos remete a refletir sobre diversos elementos relacionados à interpretação do chamado “Novo Mundo” pelos olhos europeus na época. Levando-se em conta o período de sua produção (século XVI) e a sociedade para quem Staden dirige sua obra (culturalmente unida ao movimento do renascimento), buscamos entender como se constrói na obra seu discurso em relação ao “Novo Mundo” e as sociedades com as quais teve contato.

**Palavras-chave:** Tupinambás, Renascimento, Hans Staden

### **The misadventures of a renaissance among Tupinambás: Hans Staden's vision over the lands and people of Brasil**

**ABSTRACT:** This article is an analysis of the proposed work "Journey to Brasil" written by Hans Staden traveler, imagination and vision of the world and the people he found that soil. The book, written in language simple enough, brings the story of the adventures and misadventures of European to be captured by a group of Indians and Tupinambás be constantly threatened to turn the meal ritual cannibalism conducted in the villages. Thought of as a historical source, Staden's book leads us to reflect on various elements related to the interpretation of the "New World" by European eyes at the time. Taking into account the period of their production (sixteenth century) and the company for whom Staden directs his work, culturally united movement of rebirth, we seek to understand how to build on the work his speech to the "New World" and societies with whom he had contact.

**Keywords:** Tupinambás, Renaissance, Hans Staden

## **INTRODUÇÃO**

Ao buscarmos na historiografia documentos que possam nos remeter a fase de descobrimentos e colonização da América portuguesa, nos deparamos com uma série de relatos, diários e cartas de exploradores, colonos e aventureiros, que

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL.

através de suas visões e interpretações do “Novo Mundo” possibilitaram que conheçamos hoje algo sobre os povos que aqui viviam, como foram os conflitos entre esses dois grupos e, principalmente, o pensamento desses europeus em relação às terras e povos nomeados indígenas.

Essas obras enquanto documentos guardam grande valor histórico devido ao período em que foram produzidas e as informações que nelas estão contidas. Todavia é importante que saibamos perceber que nos discursos produzidos por seus autores, nas entrelinhas da sua narrativa, encontram-se também muitas idéias, discursos e preconceitos próprios de um período e de uma mentalidade social específica. Para a elaboração desse texto partimos então dessa problemática.

Ao escolhermos trabalhar a obra do cronista e viajante, Hans Staden, cujo título é “Viagem ao Brasil”, levamos em conta a riqueza de detalhes presentes nessa obra, assim como partimos da compreensão de que a pesquisa histórica, como é feita atualmente, parte da concepção de que são consideradas fontes uma infinidade de resquícios da ação e produção do homem que guardam, em si, muito do período e, principalmente, do pensamento dos indivíduos que existiram e que se tornaram partes fundamentais do próprio fazer-se histórico.

Assim, a obra de Staden nos possibilita entender a visão desse sujeito que, estando num ambiente hostil e diferente do que lhe era habitual, encontra no pensamento social e cultural de sua época respostas perante aquilo que a ele era desconhecido e estranho, e ainda acaba adaptando-se, resistindo, sobrevivendo e, além disso, procurando posteriormente documentar, por meio da literatura e, por conseguinte, na história, suas memórias.

Suas memórias contidas no livro “Viagem ao Brasil” estão cheias de significados e conceitos ainda por serem conhecidos e analisados. Esses significados nos guiam na interpretação de sua relação com o mundo em que vivia e com a sociedade da qual fazia parte.

## **RESUMINDO AS VIAGENS**

A obra que estaremos trabalhando neste texto consiste nos relatos de viagens do alemão Hans Staden, descrevendo as duas viagens que ele realizou para o Brasil. Sobre a vida do autor pouco se sabe, porém sua obra já apresentou

grande prestígio desde a época do lançamento, mantendo a sua importância até os dias atuais.

O livro, escrito numa linguagem bastante simples, nos mostra as aventuras ou desventuras desse europeu ao ser capturado por um grupo de índios Tupinambás e ser constantemente ameaçado de virar refeição nos rituais de antropofagia realizados nas aldeias. O tempo total das viagens é de oito anos e meio.

Ao adentrarmos o relato descobrimos que em sua primeira viagem, Hans sai de Bremen (na atual Alemanha), passando por Lisboa onde embarcaria rumo às Índias. Por perder o navio ele decide embarcar rumo à América portuguesa numa embarcação sob a função de artilheiro, e após longa viagem e diversos perigos no mar, acaba chegando à Capitania de Pernambuco, em 1548.

Em Pernambuco, junto aos outros viajantes ele teve de enfrentar a revolta de indígenas que se rebelaram contra a exploração a que eram submetidos. Depois de muito navegar, próximo a Olinda, num local chamado Igarçu, seu navio entra em combate com um navio francês. Após longa batalha, seus navios retornaram a Europa e mais uma vez Staden volta a Lisboa.

No ano seguinte, na busca por uma nova aventura ou por outros motivos não tão explícitos em seu relato, Staden decide realizar uma segunda viagem às terras denominadas Brasil. Ele parte em fins de 1549, então de Castela, rumo à América portuguesa, conhecida também como o “Novo Mundo”. Nesta viagem participa de lutas contra os indígenas que dominavam a costa, além de enfrentar perigos naturais em pleno mar e um naufrágio próximo a capitania de São Vicente.

Staden também reside no forte de Santo Amaro onde fica trabalhando como artilheiro por algum tempo. É nessa época que durante uma caçada Staden acaba sendo capturado e levado como vítima para o ritual antropofágico da aldeia Tupinambá.

A história de Hans Staden vai girar em torno do período em que ele fica preso, tratado como um “bicho de estimação” de seus “donos” indígenas. Diversos são os motivos já levantados em pesquisas para explicar a fundo as causas desses povos não terem realmente se alimentado do alemão. No entanto, não nos centraremos aqui nesta discussão.

Quando já começa a se incluir no grupo, adaptando-se à vivência indígena, Hans chega a participar de uma guerra dos Tupinambás contra os Tupiniquins (aliados dos portugueses), atacando sua aldeia, fazendo reféns e observando em alguns momentos o ritual por ele considerado canibalesco.

Por fim, ele só consegue escapar quando é salvo por um navio francês, após nove meses entre os indígenas.

Pensado enquanto fonte histórica, o livro de Staden nos remete a refletir sobre diversos elementos relacionados à interpretação do chamado “Novo Mundo” pelos olhos europeus. Levando-se em conta o período de sua produção (século XVI) e a sociedade para quem Staden dirige sua obra (culturalmente unida ao movimento do renascimento), passemos então a buscar entender como se constrói na obra seu discurso em relação ao “Novo Mundo” e as sociedades com as quais teve contato. Para tanto começemos por interpretar o título dado à edição original, publicada em 1557:

Descrição verdadeira de um país de selvagens nus, ferozes e canibais, situado no Novo Mundo América, desconhecido na terra de Hanssen antes e depois do nascimento de Cristo, até que, há dois anos, Hans Staden, de Honberg em Hessen, por sua própria experiência, o conheceu, e agora dá à luz pela segunda vez, diligentemente aumentada e melhorada<sup>2</sup>.

## **A “VERACIDADE” DOS RELATOS**

Como já dito, essa obra desde sua primeira publicação alcançou grande sucesso<sup>3</sup>. Ainda no século XVI, devido à popularidade de seus relatos, Staden pode difundir em sua terra natal sua visão dos índios “selvagens, nus, ferozes e canibais”, dos quais ele foi prisioneiro durante alguns meses.

A historiadora Janice Theodoro em sua obra “Descobrimientos e Colonização” (1991), nos oferece subsídios para entender o porquê, em parte, dessa grande popularidade. Segundos ela, na época dos descobrimientos a população do

---

<sup>2</sup>Título original da obra publicada em 1557. A partir desta foram feitas inúmeras traduções e adaptações. Na versão publicada pela Martin Claret aparece um pequeno levantamento demonstrando quais foram as traduções, e os locais onde estas foram publicadas.

<sup>3</sup>Além das versões publicadas em livros e arroladas no prefácio da edição que nos utilizamos neste trabalho, há ainda uma adaptação para cinema cujo título é “Hans Staden”, de 1999, e que contou com a participação de atores como Carlos E, Stênio Garcia e Claudia Liz.

chamado “Velho Mundo” pouco ou nada sabia dos povos e das novas terras descobertas.

As ciências em desenvolvimento buscavam respostas que estavam ainda permeadas por muitas das interpretações bíblico-teológicas propostas pela igreja católica, por credices, e por meio de relatos e falas dos viajantes. As informações contidas nos relatos dos viajantes despertavam fascínio, medo e mesmo ajudavam a atizar a imaginação no Velho Mundo:

A América, mesmo antes de ser descoberta, fazia parte da ficção. A visão de um outro mundo muito distante e difícil de ser alcançado cristalizava-se, com o passar dos anos, em imagens. O oceano era repleto de monstros, e o paraíso, exuberante. As informações trazidas pelos viajantes, cheias de detalhes, despertavam um impulso que ia muito além dos limites impostos pela realidade. Acostumado a meditar, o homem medieval divertia-se com medo e com prazer manipulando o seu imaginário (THEODORO, 1991-a, p.11).

Ao reafirmar, desde o título, que sua obra se trata de uma “descrição verdadeira”, produzida por meio de “sua própria experiência”, Staden, como outros viajantes desse período, demonstra uma grande preocupação em atestar a veracidade e os motivos de sua escrita.

Numa época onde a população se via frente às imagens e relatos em que imaginário e realidade do Novo Mundo se confundiam, sua preocupação é justificável na medida em que o distinguiria de outros autores cujas obras apresentavam conteúdos, de certa forma, mais imaginários e menos reais ou prováveis empiricamente.

Para Theodoro, o real e o imaginário se entrelaçavam de forma indivisível, restando, a aqueles que quisessem confirmar os relatos, que se colocassem a navegar, como Colombo, Marco Pólo e, incluímos, o próprio Staden, para então conhecer e comprovar a veracidade das histórias.

Essa necessidade de comprovação não se apresenta como preocupação por parte de muitos nesse período. Acabam assumindo esse papel, alguns poucos sujeitos que ou queriam - como as igrejas católica e protestante - comprovar a existência terrena do paraíso edênico, cheio das maravilhas da criação e do fantástico, ou contrariamente, sendo um pouco mais céticos, e buscando por meio dos conhecimentos científicos questionar essa mesma fé, encontrando novos povos

e culturas, novas riquezas exploráveis ou, simplesmente, se colocando diante do intento de uma vida de aventuras e descobertas.

Ao ter a obra prefaciada pelo Dr. Dryander<sup>4</sup>, Staden busca no testemunho de alguém confiável entre a sociedade local a compreensão de que seus relatos são confiáveis. Dr. Dryander acaba realizando bem essa tarefa de tentativa de confirmação dos relatos de Staden, como se percebe na sua apresentação:

(...) viajantes houve que, com mentiras e narrativas de coisas falsas e inventadas, fizeram com que homens honestos e verídicos, de volta de terras estranhas, não fossem acreditados, e então se diz geralmente: “quem quer mentir que minta de longe e de terras longínquas” porque ninguém vai lá para verificar, e antes de se dar a esse trabalho, mais fácil é acreditar. Nada, contudo, se ganha em desacreditar a verdade por amor de mentiras. É também para notar que certas coisas contadas e tidas pelo vulgo como impossíveis, para homens de entendimento não o são; e tomadas por verídicas, quando investigadas, mostram sê-lo evidentemente (apud STADEN, 2008, p.26-27).

Ele apresenta ainda algum conhecimento sobre a realidade do Novo Mundo e seu povo e revela, com isso, que por meio das relações de mercantilismo da época, a troca de informações, sendo maior, possibilitava que para alguns a descrição da terra e dos indivíduos fosse um pouco mais realista.

A nossa experiência de cada dia mostra-nos que o açúcar, as perolas e produtos outros para cá vem daqueles países. (...) com tudo isso se prova que não é necessariamente uma mentira o afirmar-se coisa estranha e descomunal para o vulgo, como nesta história se verá, na qual toda gente da ilha anda nua e não tem por alimento animais domésticos, nem possui coisas para subsistência das que nós usamos, como vestimentas, camas, cavalos, porcos ou vacas; nem vinho, nem cerveja etc., e tem que se arranjar e viver a seu modo (STADEN, 2008, p. 29).

Por essas palavras podemos supor que o livro de Staden fosse mais bem aceito devido à credibilidade alcançada por ele, ao ter reconhecido como inquestionáveis seus relatos, os relatos de um corajoso sobrevivente que escapara das mãos de “selvagens”.

## **O ÉDEN E O INFERNO PESSOAL DE HANS STADEN**

---

<sup>4</sup>Dr Johann Dryander era catedrático de medicina em Marburg (importante centro universitário da época) e detinha o título de Eychman, o que podia lhe conferir grande prestígio perante o rei e a comunidade acadêmica e aos trabalhos por ele prefaciados.

A fé, embora em crise devido à reforma protestante, ainda assim era o que norteava o pensamento das pessoas. Vivia-se o tempo da busca de um éden terreno como propõe Sérgio Buarque de Holanda em sua obra “Visão do Paraíso (1969)”.

Holanda argumenta que já na Idade Média e, posteriormente, durante a era dos descobrimentos o interesse por esse tema era grande. Havia nas falas dos indivíduos e na escrita dos viajantes e exploradores um “desejo explicável de atribuir-se, nas cartas geográficas, uma posição eminente ao paraíso terreal”. (1969, p.144)

Procurava-se (e muitos teólogos católicos e protestantes incentivavam a procura) por uma “terra de delícias”, onde clima, fauna e flora fossem condizentes com a visão interpretada nos textos bíblicos. Isso revela o porquê dos relatos de viajantes e cartas dos descobridores apresentarem ora descrições reais da terra e dos povos, ora lendas e visões fantásticas construídas pelo imaginário europeu.

No entanto, não é por esse motivo que esses relatos devem ser desconsiderados enquanto fontes. Apesar da linha tênue entre fantasia e realidade, obras e autores devem ser entendidos pela análise de seus discursos e por meio das intenções de suas narrativas, como sugere Holanda:

Nem por isso é menos exato dizer que a convenção literária dos motivos edênicos, onde a narrativa bíblica se deixara contaminar de reminiscências clássicas (mito da Idade de Ouro, do Jardim das Hespérides...) e também da geografia fantástica de todas as épocas, veio a afetar decisivamente aquelas descrições. (...) Pouco importa se alguma forma descomunal ou contrafeita parece às vezes querer perturbar o espetáculo incomparável. Não serão apenas primores e deleites o que há de oferecer aqui ao descobridor. Aos poucos, nesse mágico cenário, começa ele a entrever espantos e perigos. Lado a lado com aquela gente suave e sem malícia, povoam-no entidades misteriosas, e certamente nocivas - cinocéfalos, monoculi, homens caudados, sereias, amazonas, que podem enredar em embaraços seu caminho (HOLANDA, 1969, p.16).

Deixando de lado essa interpretação maravilhosa, também muitos procuravam nesses mesmos “paraísos” as riquezas que importavam aos seus respectivos reinos, pois “as duas noções, a de fantásticas riquezas e de um mundo de maravilhosas delícias, facilmente se enlaçam, pois uma natureza ultrapassa até ao sobrenatural” (HOLANDA, 1969, p.161).

Difícilmente podemos perceber no trabalho de Staden se a sua intenção pessoal era a busca por esse paraíso edênico, ou um interesse pela procura de riquezas. Em seu relato ao discorrer sobre o início da primeira viagem ele deixa subentendido que sua intenção era visitar a Índia, mas por ter perdido o navio acaba por embarcar para o Brasil iniciando a primeira parte de suas aventuras:

Eu Hans Staden, de Homberg, em Hessen, resolvi, caso Deus quisesse, visitar a Índia. Com essa intenção sai de Bremen (...) em Lisboa alojei-me em uma hospedaria, cujo dono era alemão e se chamava Leuhr, o moço, onde fiquei algum tempo. (...) disse-me (ele) que eu tinha demorado demais e que os navios d'El-Rei, que navegavam para a Índia, já tinham saído.(...) Levou-me para um navio como artilheiro. O capitão desta nau chamava-se Pintiado (Penteado) e se destinava ao Brasil, para traficar e tinha ordens de atacar os navios que comerciavam com os mouros brancos da Barbaria (África Setentrional). Também se achasse navios franceses em trafico com os selvagens do Brasil, devia aprisioná-los, bem como transportar alguns criminosos sujeitos á degredo, para povoarem as novas terras (STADEN, 2008, p. 35).

O fascínio dos viajantes perante a terra, o clima e a imagem dos povos indígenas, expresso em grande parte dos relatos de viagens, está presente na obra de Staden de forma bastante discreta pelo menos nesta parte da viagem. Ao falar dos grupos indígenas, os quais alguns eram inimigos e outros aliados dos portugueses, este se presta a identificá-los como selvagens, caracterizando-os como guerreiros que ora são aliados importantes, ora oponentes temíveis com seus arcos e flechas.

Somente na segunda parte da viagem e segunda parte do livro, Staden dá ênfase a descrição dos povos indígenas, sua organização social e cultural, a alimentação e as informações do meio natural onde eles viviam. O autor é extremamente detalhista, descrevendo de forma precisa aquilo que pode ver e ouvir além do medo que sentiu em determinadas situações. Ao mesmo tempo em que “descobre” um Novo Mundo e seus habitantes, Staden parece não se impressionar com essa descoberta, mas apenas os compara ao seu próprio mundo, como no trecho a seguir em que fala da feição dos povos Tupinambás.

É uma gente bonita de corpo e de feição, tanto os homens como as mulheres, iguais á gente daqui; somente são mais queimados do sol, pois andam todos nus, moços e velhos, e nada tem que encubra as partes vergonhosas. Desfeiam-se a si mesmos com pinturas e não tem barbas, porque as arrancam pela raiz, logo que lhes nascem. Fazem furos na boca e nas orelhas e neles introduzem

pedras, que são seus ornamentos, e se enfeitam como penas (STADEN, 2008, p. 142).

Diferentes interpretações podem ser dadas a essa forma de pensar e elaborar uma escrita ou uma opinião, pouco interessada com o indígena e a terra exótica aos olhos europeus. Por um lado, como já trabalhado por Holanda (1969) e Theodoro (1991-a), há uma mudança de enfoques já iniciada em fins do século XV, de interesses antes relacionados ao aspecto do “maravilhoso” e “extravagante” das descobertas para o predomínio do econômico que parece se mostrar maior, incentivando as próprias navegações e os descobrimentos.

Por outro lado, o desenvolvimento científico e as constantes viagens já haviam tornado homens como Staden, sujeitos que pensavam de forma “renascentista”. Portugueses, franceses, espanhóis e quaisquer outros povos que se propunham a navegar na busca por novas terras tinham como “nobre missão: descobrir, catequizar, colonizar e transportar, em uma imagem semelhante a si mesmo, o Novo Mundo” (THEODORO, 1991- b, p. 24).

Indiretamente, Staden mesmo que a contra vontade realiza cada uma dessas tarefas em seu “degredo compulsório”, e dentro do que ele mesmo chama de sua “desgraça pessoal” (ou castigo divino), o qual justifica que não merecia estar sofrendo.

## **AS ATITUDES DE UM RENASCENTISTA NO BRASIL**

O mundo no qual Staden é inserido durante sua viagem, como já dito, até certo ponto era hostil e bastante diferente do habitual para um alemão do século XVI. A única forma de sobrevivência encontrada por ele e por outros colonizadores portugueses e espanhóis era habituar-se à realidade, e, na medida do possível, aprender com os indígenas as formas de sobrevivência no dia-dia.

A descrição feita por ele em relação às vilas e povoados que se formavam na costa, e as quais pode conhecer, demonstram também o trabalho dos colonos em buscar formas de resistência perante os grupos que lhes eram hostis.

Segundo discorre Staden, formavam-se pequenos fortes e vilas cercados por colunas de madeira e com local de vigília aos moldes das construções indígenas, para proteção dos colonos dentro das terras doadas pela corte. Essa

preocupação em relação aos indígenas é apresentada por Staden desde o início da obra ao deixar claro aos seus leitores que durante sua viagem esteve à mercê e como refém de um grupo que praticava o canibalismo.

A antropofagia, que aos olhos dos europeus se revela como uma prática muitas vezes denominada demoníaca, serviu para a construção da imagem aterradora do indígena por parte desse mesmo europeu, assim como serviu para justificar a ideia de superioridade do europeu sob o indígena, na medida em que propunha ser o indígena incapaz de viver de forma “civilizada”, matando e comendo, como os animais, o seu semelhante.

A aventura de Staden consiste então numa narrativa de sua vivência como prisioneiro dos Tupinambás e revela o perigo ao qual estavam expostos os viajantes ao adentrarem o “país de selvagens”, nas terras da América.

Em determinada parte da obra ele descreve em detalhes o momento do sacrifício e a realização do banquete, entendido pelos indígenas praticantes como um ritual de assimilação das forças e da coragem da vítima, geralmente um prisioneiro capturado entre grupos rivais ou durante as guerras:

(...) aquele que deve matar o prisioneiro pega a clave e diz: “Sim, aqui estou, quero te matar porque os teus também mataram a muitos dos meus amigos e os devoraram”. Responde-lhe o outro: “Depois de morto, tenho ainda muitos amigos que decerto me hão de vingar”. Então desfecha-lhe o matador um golpe na nuca, os miolos saltam e logo as mulheres tomam o corpo, puxando-o para o fogo; esfolam-no até ficar bem alvo e lhe enfiam um pauzinho por detrás, para que nada lhes escape. Uma vez esfolado, um homem o toma e lhe corta as pernas, acima dos joelhos, e também os braços. Vêm então as mulheres; pegam nos quatro pedaços e correm ao redor das cabanas, fazendo um grande vozerio. Depois abrem-lhe as costas, que separam do lado da frente, e repartem entre si; mas as mulheres guardam os intestinos, fervem-nos e do caldo fazem uma sopa que se chama Mingau, que elas e as crianças bebem (STADEN, 2008, p. 164).

É difícil imaginar o horror e a repercussão que uma cena como esta pode ter causado na sociedade europeia, leitora de Staden na época, até porque sua obra trás também belas ilustrações que retratam o próprio Hans Staden entre os índios sempre a orar nos momentos em que se sente ameaçado de virar refeição para toda a aldeia.

Considerados bárbaros por essa e outras práticas, os nativos necessitavam serem “civilizados” pelo europeu através de sua inserção social, o que ocorria

inicialmente com sua inserção no mundo religioso cristão. Quando essa inserção não pudesse ocorrer ou apresentasse muitas barreiras, o elemento “bárbaro” deveria ser descartado, eliminado para que houvesse espaço para a civilização:

Ao iniciar o século XVI, a onipotência do descobridor aliou a perfeição, típica do homem renascentista, à destruição. A morte transformada em gesto cotidiano desvendava, no próprio herói-descobridor, a barbárie. O descentramento e a dúvida penetram fundo no colonizador, transformando-o em anti-herói (THEODORO, 1991-a, p. 66).

Assim, para Theodoro, a destruição destes povos estava justificada aos olhos desse herói-descobridor, já que eram culturas consideradas inferiores e atrasadas que necessitavam ser abolidas.

Quanto a essa questão de inferioridade, apesar de seu suplício pessoal, Staden não chega a propor a destruição do grupo nativo. Sua proposta é bem diversa, ele enxerga esses nativos de forma diferente; são os indígenas, selvagens e ingênuos, na medida em que são enganados por acreditarem em ídolos que para ele são falsos, e por seus guias religiosos, os adivinhos que não detinham e nem ao menos transmitiam o desejo e poder dos ídolos ao grupo:

Uma vez todos reunidos, toma o adivinho cada Tammaraka, de per si, e o defuma com uma erva, a que chama Bittin. Leva depois o Tammaraka á boca; chocalha-o e lhe diz: “nee kora (nheen coire), fala agora, e deixa-te ouvir; estás ai dentro?”. Depois diz baixo e muito junto uma palavra, que é difícil de saber se é do chocalho ou se é dele, e todos acreditam que é o chocalho. Na verdade, porém, é do próprio adivinho, e assim faz ele com todos os chocalhos, um após o outro. Cada qual pensa então que o seu chocalho tem grande poder. Os adivinhos exortam-nos depois a irem para a guerra e apanharem inimigos, porque os espíritos que estão nos Tammaraka têm gana de comer carne dos prisioneiros; e com isto, se decidem a ir à guerra. (...) Com o Deus verdadeiro, que criou o céu e a terra, eles não se importam e acham que é uma coisa muito natural que o céu e a terra existam. (...) Quando me achei pela primeira vez entre eles e me contaram essas coisas, pensei que se tratava talvez de algum fantasma do diabo, pois que me contaram diversas vezes como esses ídolos falavam. Penetrando nas cabanas, onde estavam os adivinhos que deveriam fazê-los falar, notei que todos se assentavam. Mas logo que vi a esperteza, sai da cabana e disse comigo: “Que pobre povo iludido!” (STADEN, 2008, p. 154).

É perceptível ao longo de seu relato grande preocupação em tentar demonstrar aos seus capturadores o quanto o seu deus seria superior e detentor de maior poder que os ídolos indígenas.

Suas constantes orações nos momentos onde os Tupinambás ameaçavam enfim sacrificá-lo, e sua confiança desmedida de que com a divina providência sairia dessa situação, colocam Staden numa condição parecida com a dos degredados, discutida por Guillermo Giucci a partir da carta de Caminha, entre outras fontes:

Caminha enumera três funções dos desterrados na terra de Vera Cruz. A primeira, a aprendizagem dos usos e costumes dos Tupiniquins, reforça a segunda, a obtenção de informações sobre as propriedades e riquezas das terras. Ambos os aspectos levam conhecimento da América para a Europa, privilegiando, por um lado, a decifração do sujeito e, por outro lado, a revelação do objeto. (...) Se as duas primeiras funções dos condenados consistem na coleta de informações sobre a natureza e os costumes humanos das novas terras, a terceira supõe uma inversão de sentido. Também leva conhecimento da Europa para a América, mas sob a forma de transmissão da Santa fé. A instrução é absorvida pela conversão (GIUCCI, 1993, p. 34).

Dessa forma, embora não seja presente em sua obra a função de obter informação das riquezas naturais no contato com o indígena, Staden acaba por cumprir a primeira e última função. Por meio de seus relatos muitos puderam ter acesso a informações sobre os indígenas, suas relações com a natureza e com o próprio colono. Também, em certos momentos, a dúvida da superioridade do deus cristão implantada por ele entre os indígenas acaba por ser evidenciada, como no trecho a seguir:

Tinha eu feito uma cruz de pau oco e a tinha levantado em rente á cabana, onde morava. Muitas vezes, ali fiz a minha oração ao senhor e tinha recomendado aos selvagens de não a arrancar, porque havia de acontecer alguma desgraça; desprezaram, porém, as minhas palavras. Certa vez, em que eu estava com eles a pescar, uma mulher arrancou a cruz e a deu a seu marido, para a madeira, que era roliça, polir uma espécie de colar que fazem com conchas marinhas. Isto me contrariou. Logo depois começou a chover muito e a chuva durou alguns dias. Vieram então a minha cabana e me pediram que implorasse a meu deus para que cessasse a chuva, pois que, se não cessasse impediria a plantação (...). disse-lhes que a culpa era deles, pois tinham ofendido o meu deus, arrancando o madeiro; e era ao pé deste que eu costumava falar com ele. Como acreditassem ser esta a causa da chuva, ajudou-me o filho de meu senhor a levantar, de novo, a cruz. Era mais ou menos uma hora da tarde, calculado pelo sol. Tanto que a cruz se ergueu, ficou imediatamente bom o tempo, que tinha estado muito tempestuoso até ali. Admiraram-se todos, acreditando que meu deus fazia tudo o que eu queria (STADEN, 2008, p. 117).

## CONSIDERAÇÕES

A partir dessa primeira leitura em relação às ideias, conceitos e visões do europeu sobre os povos e a terra da América portuguesa, entendemos que muitos desses conceitos estão presentes ou se mostram contrários pela análise de nossa fonte primeira: os relatos contidos no livro de Staden.

Ao buscarmos entender a questão dos descobrimentos e da colonização relacionando também não só o período, mas também o pensamento dos “sujeitos renascentistas”, estamos querendo demonstrar que as ideias (conscientes ou não) talvez mais as que imposições ou regras servem para moldar os sujeitos e suas práticas na história.

Como no título deste trabalho, reafirmamos ser renascentista o viajante Staden, entendido como um sujeito que confirma em parte aquilo que outros viajantes do renascimento já conheciam do Novo Mundo, mas reorganiza na prática suas interpretações, reconstruindo na vivência sua visão anteriormente elaborada.

Esse viajante também tendo (ou não) sua visão edênica do Brasil, vê “o céu” tornar-se o seu inferno pessoal, um castigo divino no qual ele mesmo se questiona se mereceria estar.

No contato com o outro, esse sujeito teve boas e más experiências. O mundo de “selvagens”, descrito por ele, está imerso na “selvageria” e “horror” da prática do canibalismo, que a seu ver é primitiva e anticristã.

Staden por fim é reconhecido pelo belo trabalho sociológico e em medida antropológico que acaba por fazer, porém questionável na medida em que não busca demonstrar o outro lado: a barbárie cometida pelo colono ao não só conquistar, mas massacrar cultural e fisicamente sociedades inteiras como sugere Theodoro:

Os descobridores, ao realizarem sua obra de colonização construindo igrejas e outras edificações necessárias à conquista, e os artistas, pintando ou esculpindo na Europa, consideravam a existência de um único padrão de beleza, uma única religião verdadeira, uma cultura superior a todas as outras. Descobridores e artistas olhavam o mundo de um único ponto e a partir dele destruíam e construíam (THEODORO, 1991-b, p. 58).

O “estado selvagem” dos nativos, em nosso ver não justificaria a real selvageria por parte do descobridor, do colono invasor. O ódio e a aversão ao diferente sim; e em parte possibilitaram essa destruição.

## REFERÊNCIAS

GIUCCI, Guillermo. *Sem fé, lei ou rei: Brasil 1500-1532*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

MIGLIACCI, Paulo. *Os Descobrimentos: origens da supremacia européia*. 3ª.ed. São Paulo: Scipione. 1984.

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

THEODORO, Janice. *Descobrimentos e Colonização*. São Paulo: Ática, 1991-a.

\_\_\_\_\_. *Descobrimentos e Renascimento*. São Paulo: Contexto, 1991-b.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.